

SOFRIMENTO PSÍQUICO NO TRABALHO: UMA ANÁLISE NA PÓS-MODERNIDADE

Leonardo Dadalto¹, Nayane Viale Vargas², Raquel Colombo Pereira³, Mariana Carneiro Capucho⁴

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Vila Velha.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Vila Velha.

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Vila Velha.

⁴ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – Docente em Psicologia da Faculdade Multivix Vila Velha.

RESUMO

A sociedade e o trabalho perpassam por diversas transformações sociais ao longo do tempo. Uma destas mudanças é a pós-modernidade, que está correlacionada à revolução das tecnologias da informação, capitalismo tardio, entre outras. Estas mudanças afetaram as relações humanas no ambiente de trabalho, ressignificando os contextos laborais e trazendo: aumento da competitividade e da produtividade, mudanças nos valores sociais e flexibilização das formas de trabalho. Estes impactos influenciam no bem-estar físico, mental e emocional dos trabalhadores, ocasionando o sofrimento psíquico. Assim, expandir a produção acadêmica sobre o tema possibilita construir novos saberes e novas discussões para pensar em estratégias e possibilidades para prevenir o esgotamento profissional do trabalhador. Esta pesquisa pretende analisar a relação de trabalho na pós-modernidade e o desencadeamento do sofrimento psíquico. Os recursos metodológicos conjugam uma pesquisa exploratória e bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e a utilização de uma revisão de literatura narrativa. Os resultados obtidos demonstram mudanças, tanto nas organizações, como nos indivíduos, o que resultou na modificação do modo de organização e gestão. Logo, o trabalhador deve estar preparado para as mudanças no âmbito laboral, pois os níveis de exigência aumentam cada vez mais. Nesse sentido, a pressão ocasionada pelas transformações surgidas impacta diretamente no sentimento de impotência e desvalorização vivido pelo trabalhador, ocorrendo uma perda de reconhecimento de sua identidade pessoal e social. Como consequência, houve uma evolução na frequência de doenças no ambiente de trabalho, ocasionando sofrimento psíquico relacionados em suas mais diversas formas.

Palavras-chave: Condições laborais; Pós-modernidade; Relações de trabalho; Sofrimento psíquico; Transtornos mentais; Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está marcada pelas revoluções tecnológicas, sociais, políticas e culturais, influenciadas pelas forças produtivas do sistema capitalista e pelas novas tendências do pós-modernismo.

Nesta pesquisa, o termo pós-modernidade assegura uma linha de pensamento que reflete as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, analisa a sociedade de forma instável, fluída:

Vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiosincrasias e à coerência de identidades. (EAGLETON, 1996, p.7).

Para Daros (2022) a pós-modernidade está correlacionada ao processo de globalização. Ou seja, vem com um significado de periodização, daquilo que é substituído por um estado anterior (BEST; KELLNER, 1997), neste caso, a pós-modernidade veio substituir a modernidade.

O discurso pós-moderno veio com ideias revolucionárias e emancipatórias de mudanças, muitas dessas influenciadas pelos movimentos dos anos de 1960. No entanto, os movimentos na França, bem como a dissolução dos movimentos políticos e da política revolucionária da época contribuíram na teoria do sujeito fragmentado e descentralizado (DAROS, 2022).

Tais mudanças impactaram diretamente nas relações humanas de uma forma geral, e, sobretudo, na relação dos indivíduos com seu modo de subsistência através do seu trabalho. Sendo introduzidas pelo mundo pós-moderno e seu processo de reestruturação produtiva, exigiram uma ressignificação dos contextos laborais modernos, caracterizados pela rápida obsolescência do saber em decorrência das constantes evoluções tecnológicas.

O capitalismo pós-moderno transforma a natureza do trabalho fazendo com que novos padrões nas rotinas laborais surjam, havendo uma transição do sólido para leve, visando o máximo de satisfação pessoal (TREVIZAN *et al.*, 2023). Estes novos paradigmas trouxeram implicações no modo de agir das pessoas, bem como reconfiguraram as relações e o ambiente de trabalho, trazendo inseguranças pontuais, instabilidades à categoria trabalho e suas correlações.

As relações de trabalho estão marcadas por uma tensão gerada por estes novos paradigmas, fazendo com que o trabalhador desenvolva um sentimento de insegurança e esteja propício ao manifestar um processo de adoecimento profissional. Implicações estas, que se configuram como objetivo de estudo deste projeto, analisar a relação de trabalho na pós-modernidade e o desencadeamento do sofrimento psíquico.

Percebe-se que o mundo do trabalho passou por transformações sociais que desencadearam um processo de adoecimento advindo do próprio trabalho, derivados do aumento da competitividade, da produtividade, da perda do senso solidário, a inversão de valores, a flexibilização das formas de trabalho entre outros fatores, na qual vem afetando o bem-estar físico, mental e emocional dos trabalhadores. (CARLOTTO; GOBBI, 1999).

Surtem-se assim, as síndromes relacionadas ao sofrimento psíquico no ambiente de trabalho, onde o trabalhador perde-se sua energia vital e há um aumento do esgotamento profissional, decorrente da relação de mal-estar do trabalhador perante o seu trabalho.

Esse mundo “líquido” (BAUMAN, 2000) que impõe aos indivíduos a necessidade constante de adaptação e reconstrução, agravam o processo de despersonalização e falta de subjetivação (DUNKER, 2004) decorrente das próprias mudanças impostas pela pós-

modernidade. Configuram, portanto, em uma possibilidade de desencadeamento do sofrimento psíquico e suas mazelas relacionadas diretamente ao contexto laboral. Por essa razão, nos tempos atuais é comum a prevalência de diversos transtornos e doenças diretamente relacionados, ao até mesmo oriundos do trabalho do indivíduo, tais como Síndrome de Burnout, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Transtorno Depressivos, Transtornos Ansiosos, entre outros.

A partir do aporte teórico que compõem esta pesquisa, este estudo pretende suprir parcialmente a lacuna sobre o tema, na qual explica a sociedade pós-moderna e o âmbito do trabalho, como também contextualiza a relação de trabalho brasileira na pós-modernidade. E por fim, investiga-se o impacto da relação de trabalho na pós-modernidade no desencadeamento de sofrimento psíquico. De tal modo, estabelece como objetivo geral desta pesquisa: Analisar a relação de trabalho na pós-modernidade e o desencadeamento do sofrimento psíquico.

Assim, salienta-se que é por meio do trabalho que produzimos bens e riquezas, trazendo certo grau de satisfação pessoal. O trabalho favorece no desenvolvimento social e está intrínseco a natureza humana. Porém, quando não são fornecidas as condições favoráveis para seu manejo, representa uma ameaça a saúde humana (ROSENO; CAVALCANTI; FREIRE, 2020). Podemos citar como condições desfavoráveis ao trabalho o aumento de atribuições a determinada pessoa, jornada de trabalho exaustiva, trabalho insalubre, na qual favorece o desenvolvimento de estresse, prejudicando as atividades laborais, e provocando esgotamento físico e emocional (ROSENO; CAVALCANTI; FREIRE, 2020). Este estresse e aumento da competição no mercado do trabalho, desencadeia nos trabalhadores sofrimento psíquico devido às novas formas de organização e a relação homem/trabalho. (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

A estruturação deste trabalho e o desenvolvimento desta pesquisa buscou-se ampliar o campo de pesquisa, expandindo a produção acadêmica sobre a temática: o sofrimento psíquico e as relações de trabalho. Ao mesmo tempo, contribuir na construção de novos saberes na área da Psicologia, pois alargar o debate sobre como definir estratégias para prevenir o esgotamento profissional impacta na saúde mental e física do trabalhador, como também em sua vida pessoal.

Para isso, este artigo compreende cinco capítulos. Primeiramente desenvolvemos um capítulo para tratar a sociedade pós-moderna e âmbito do trabalho, abordando conceitos e trajetória do sistema capitalista pós-moderno e como suas transformações afetaram o ambiente laboral. Em seguida, constituímos outro capítulo descrevendo as mudanças nas relações de trabalho. O terceiro capítulo delineamos como essas transformações sociais diante a pós-modernidade impactaram nas relações e no ambiente de trabalho, ocasionado o sofrimento psíquico. Em seguida, caracterizamos de forma sucinta os transtornos mentais e

comportamentais acometidos no ambiente laboral, em específico o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e a Síndrome de Burnout. E por fim, apresentamos os resultados com a análise e discussão dos achados desta pesquisa teórica.

2 REFERENCIAL TEORICO

2.1 SOCIEDADE PÓS-MODERNA E O ÂMBITO DO TRABALHO

É possível afirmar que a Revolução Industrial causou grandes transformações no sistema de produção e trouxe diversas consequências na configuração social, modificando as esferas sociais, políticas e econômicas. Decisivamente, o surgimento da indústria consolidou o processo de formação do capitalismo:

O século XIX pode ser considerado como o período em que a doutrina liberal atinge seu ápice, quando o Estado delega ao mercado a obrigação de se autorregular, privilegiando os interesses privados do capital, que se impõe de forma hegemônica. Desde os seus primórdios, os capitalistas revelaram as marcas da sua insensibilidade para as condições socioeconômicas da sua mão de obra. Sua lógica de acumulação rentista construiu uma realidade brutalmente desigual. (MARQUES; PINHEIRO; RASLAN, 2011, p. 575).

Para Issberner e Mota (2017), a sociedade capitalista atual possui duas características marcantes: a dependência do crescimento econômico e a exclusão social. Este período, conhecido como capitalismo flexível, é marcado pelo poder extraterritorial, pelo avanço tecnológico, por instabilidades e instantaneidade, o que contribui com sua lógica destrutiva (MARQUES; FREITAS, 2019).

Neste contexto de crise estrutural, Antunes (2009) demonstra duas tendências que vem ocorrendo: a de substituição do padrão produtivo Taylorista e Fordista pelas formas flexibilizadas; e a desregulação do modelo social-democrático pelo sistema neoliberal. Nesse sentido, quanto maior a competitividade instaurada nas empresas e corporações maior os malefícios gerados aos trabalhadores.

As transformações nos processos produtivos ocorridas no final do século XX impactaram também no processo do avanço tecnológico, nas condições e relações interpessoais inseridas no contexto laboral. O aumento da competitividade e a exigência de uma maior produtividade geraram consequências negativas diretas na saúde física, mental e emocional dos trabalhadores. Nesse sentido, “O ambiente laboral está cada vez mais competitivo, fazendo com que o trabalhador ultrapasse seus limites de tolerância. ” (ARAGÃO; BARBOSA, SOBRINHO, 2019, p.2).

Esta nova perspectiva, advém da pós-modernidade líquida. Para Giroux (1993, p. 15) o “pós-modernismo assiná-la uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais que

estão reconstituindo o mapa social, cultural e geográfico do mundo produzindo, ao mesmo tempo novas forma de crítica cultural”. Para Trevizan *et al.* (2023) na pós-modernidade as instituições como família, igreja, Estado, deixam de ser referencial para as pessoas, passando a tomar o lugar de referência algo fluído, flexível, dinâmico. E essa referência, que permeia o sujeito em todos os seus aspectos e relações, contribui para o surgimento de um homem líquido.

Juntamente com as mudanças dos processos produtivos advindos no sistema capitalista e a inauguração dessa nova etapa na humanidade, surge uma nova mentalidade, mais prática e adaptável, a qual traz mudanças no mercado de trabalho. Há uma transferência do modelo fordista da modernidade para algo mais leve e fluído: “A quebra com a rotina e a tradição é mais que a tentativa de criar novos padrões, é a de evitar que qualquer padrão que se tenha criado congele em tradição.” (BAUMAN, 2000, p.178).

Nesse sentido, os novos padrões sustentados pelo sociedade capitalista pós-moderna fizeram com que o ser humano trocasse tudo aquilo que tinha de sólido (emprego, relações interpessoais, cultura organizacional, solidariedade, tradições, etc.), por algo leve, fluído, sempre visando ao máximo a sua satisfação pessoal, e quando não houver mais serventia, será descartado (TREVIZAN *et al.*, 2023).

Para Bauman a modernidade é líquida/fluída por não manter uma forma com facilidade, não fixa o espaço nem prende o tempo, o líquido está sempre pronto e propenso para mudanças, pode apresentar leveza, mas pode ser mais pesado que muitos sólidos. Em essência, a grande mobilidade e o acelerado devir do líquido é um bom representante metafórico da modernidade contemporânea, pois não tem forma distinta e está em constante mudança física. (SOARES, 2011, p.2).

Segundo Trevizan *et al.* (2023), estas transformações fazem com que o ser humano passe a ser preocupar mais com ele mesmo, tendo uma supervalorização do eu. O processo de racionalidade instrumental é posto em um contexto de modernidade líquida que traz grandes prejuízos a humanidade, pois a centralidade está na vontade de autossatisfação própria, deixando outras questões relegadas em segundo plano (TREVIZAN *et al.*, 2023).

Outro campo impactado por estas transformações foi a política. Com o capitalismo liberal há a defesa de uma interferência mínima do Estado perante a sociedade, além da defesa do privado em detrimento do público. Para Trevizan *et al.* (2023), no período sólido havia uma preocupação com os direitos coletivos e sociais, mas no período líquido o interesse é voltado para o capital:

Dessa forma a política pública também se esvaziou de conteúdo verdadeiramente público da tarefa de cuidar dos interesses públicos e trata de cuidados e interesses econômicos privados cedendo às pressões do capital. (OLIVEIRA, 2012, p. 31).

O trabalho também foi permeado por estas mudanças. Antes era a base do trabalhador e trazia dignidade, agora traz liquidez. “O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual possa envolver e fixar autodefinições, identidade e projetos de vida. ”

(BAUMAN, 2000, p.175).

Por anos se pregou a máxima de que quanto mais aperfeiçoado e prático o trabalho, mais satisfatório e leve a vida seria. (TREVIZAN *et al.*, 2023). No entanto, como Bauman (2000, p.76) assevera, essa satisfação no trabalho está “além do tempo que durar sua satisfação”. E essa leveza posta pela pós-modernidade acarreta instabilidades sociais e trabalhista.

Tendo por base as considerações feitas acima, se traçará no próximo capítulo um breve panorama conceitual das relações de trabalho no período da pós-modernidade, contextualizando como as relações interpessoais e de laborais se configuram neste cenário.

2.2 RELAÇÕES DE TRABALHO NA PÓS-MODERNIDADE

O trabalho nos primórdios da humanidade estava vinculado diretamente com o propósito de sobrevivência humana. Somente nos últimos anos, com os acontecimentos históricos e sociais, que o trabalho passou ser fonte geradora de riqueza e de lucro (MARQUES; FREITAS, 2019).

Como Behring e Boschetti (2011) mencionam, o trabalho antigamente era realizado para satisfação de valores de uso. Porém, com a reconfiguração do capitalismo e as influências modernas e pós-modernas, o trabalho passa a ser regido por um valor de troca, tendo seu caráter abstrato. Conforme assevera Krawulski (2004, p. 12):

o homem passou a ser visto como um componente de uma força de trabalho e se viu transformado de indivíduo em trabalhador: o trabalho passou a significar um instrumento do valor e da dignidade humana.

Percebe-se que o trabalho, além de representar o meio de subsistência do indivíduo permitindo a aquisição de recursos para sua sobrevivência, também possibilita a constituição do sujeito e de suas subjetividades, sua identidade e individualidades. No entanto, a manutenção do capital e sua relação com o trabalho é permeada por diversas contradições, dentre as quais destaca-se os impactos oriundos na vida desse trabalhador responsável pela manutenção das forças produtivas do capital.

Como é cediço, o mercado de trabalho atualmente é marcado por características de precariedade, vulnerabilidade e fragmentação (MARQUES; FREITAS, 2019). Isso devido ao processo de reestruturação produtiva que exigiram uma ressignificação dos contextos laborais atuais, caracterizados pela rápida obsolescência do saber em decorrência das constantes evoluções tecnológicas.

Em um contexto extremamente exigente e competitivo, sobremodo marcado pela rápida obsolescência dos saberes, o indivíduo deve estar sempre pronto para mudar e se adaptar às novas demandas do mercado, introduzidos também pelas novas tecnologias que surgem diariamente. Estas transformações no mundo do trabalho “afetaram a forma de ser da classe

trabalhadora, tornando-a mais heterogênea, fragmentada e complexificada. ” (ANTUNES, 1998, p. 67).

Antunes (1998) corrobora ainda mencionando que esta classe trabalhadora na medida que qualifica intelectualmente a mão de obra, se torna desqualificada em outros ramos. Tendo uma divergência de uma minoria de trabalhadores muitos qualificados e preparados para uma grande massa precarizada, sem qualificação, em que a grande maioria não é absorvida pelo mercado de trabalho.

Essas mudanças introduzidas pela pós-modernidade fazem com que surja uma classe trabalhadora diversificada entre qualificada e não qualificada, entre mercado formal e informal, e conseqüentemente precarizem as formas de relações trabalhista e interpessoais no ambiente do trabalho. Pode-se então perceber que o mercado de trabalho passou por um processo de reestruturação produtiva, em que o nível de exigência de qualificação profissional é cada vez maior. Nos tempos modernos, é exigido que o trabalhador seja completo, ou seja, que possua habilidades como agilidade, produtividade, inteligência emocional, domínio de outros idiomas, criatividade e estar sempre atualizado (VASCONCELOS; FARIA, 2008).

Além disso, as transformações impostas pela pós-modernidade e o globalismo afetaram não apenas os sujeitos em si, mas as organizações de uma forma geral, que precisaram rotineiramente adaptar suas estruturas e atividades para sobreviverem às novas dinâmicas do mercado mundial e continuarem competitivas (VASCONCELOS; FARIA, 2008). Como menciona Marques e Freitas (2019, p.7):

o capitalismo pós-moderno modifica a natureza do trabalho, bem como seus modos de organização e de gestão e, sobretudo, as relações interpessoais que os trabalhadores estabelecem no contexto laboral.

Via de consequência, as relações interpessoais também se liquefizeram (TREVIZAN *et al.*, 2023). Essa liquidez se dá pelo processo de individualização instalado pela leveza e fluidez da modernidade, “a individualização é uma fatalidade, não uma escolha. ” (BAUMAN, 1999, p.47). Atualmente, as relações interpessoais também viraram objetos de consumo com prazo de validade, na qual se essas relações não mais satisfazem as necessidades do indivíduo, acabam por serem descartadas, transformando- se em relações de usufruto. (TREVIZAN *et al.*, 2023).

Esse consumo por parte do indivíduo na pós-modernidade se caracteriza como uma analgesia na atualidade. Há uma inversão de valores, como Trevizan *et al.* (2023) alude, há uma inversão axiológica, onde a sociedade é permeada por um vazio existencial e conseqüentemente este é suprimido pela tentativa de satisfação imediata em todos os aspectos da vida humana, bem como em suas relações humanas interpessoais e de trabalho.

Uma vez que essa satisfação não é atingida ou satisfeita por completo, recorre-se a determinados vícios, sejam lícitos ou ilícitos, como mecanismos de sanar o vazio existencial

latente. Como trouxe Bauman, “Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo adiantamento da satisfação, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação.” (BAUMAN, 1999, p.40).

No entanto, por se tratar de prazeres passageiros e que não trazem a satisfação total, funcionam apenas de modo superficial, não dando conta de dar vazão ao tensionamento originado no aparelho psíquico do indivíduo. Essa repressão da pulsão que “não se faz representar no aparelho psíquico encontra frequentemente descarga direta no corpo e, portanto, em doenças físicas” (HALLACK; SILVA, 2005, p. 76) e psíquicas. Nesse sentido, o ser humano é acometido pelos processos de adoecimento no contexto laboral, que em sua forma física, mental ou emocional, se revelam como reflexos de uma pós-modernidade líquida (BAUMAN, 2000).

2.3 O SOFRIMENTO PSÍQUICO NO MUNDO DO TRABALHO

No século XIX o capitalismo industrial se consolida, e no século seguinte, os avanços tecnológicos abrem caminho para a produção em larga escala e, conseqüentemente, ocorre o fenômeno da globalização. Com essas alterações no modo de produção, a vida das populações é impactada de forma a, também, aumentar seu sofrimento. Surgem aí neste contexto, ciências como a Medicina e a Saúde do Trabalho, Segurança do Trabalho, Saúde Ocupacional (COSTA; MEDEIROS, 2013)

O tema sofrimento psíquico no trabalho já é tratado no Brasil há algum tempo, em especial a partir da década de 1980 (SATO; BERNARDO, 2005), existindo uma vasta literatura a respeito da relação entre saúde mental e trabalho produzida no Brasil (GRADELLA JÚNIOR, 2010). Antes disso, ao partir da década de 1940, as então denominadas “ciências do comportamento” já tratavam da saúde mental dos trabalhadores. Entretanto, aqui os diagnósticos identificavam a origem dos problemas de saúde mental no próprio trabalhador, negligenciando o aspecto das relações de trabalho e suas condições. Ou seja, há um viés em culpabilizar a vítima. (SATO; BERNARDO, 2005).

É constatado um aumento da frequência de registros de doenças no ambiente de trabalho ano a ano, estimulando estudos que correlacionem o surgimento de doenças e a organização do trabalho e as mudanças nas relações sociais de produção. Acontecimentos gerados pelo globalismo e abertura econômica como a revolução tecnológica, aumento de circulação do capital financeiro e um novo sistema de comunicação digital influenciam as pessoas, as organizações e a sociedade em geral, que precisam se adaptar à essa nova realidade (VASCONCELOS; FARIA, 2008).

Observa-se uma pressão destinada aos trabalhadores em quase todos os países. Uma ameaça qualquer os faz sentirem-se sobressaltados, uma vez que poderiam ser dispensados a

qualquer tempo. Isso torna-se mais grave, em especial para aqueles que têm sua força de trabalho a única forma de sobrevivência. Há aqui um sentimento de impotência e de desvalorização, ferindo o psiquismo humano (HELOANI; CAPITÃO, 2003).

Gradela Júnior (2010) pondera em seu escrito que a produção capitalista se apõe às forças intelectuais, no sentido de que o processo de produção é um processo de dissociação, levando o trabalhador a ser parcial e separando-o do trabalho. Assim, a divisão se processa com a ruptura entre o trabalho material e o intelectual delimitando.

Dessa forma, o trabalho no capitalismo se apresenta como fonte de alienação e desumanização. É no trabalho que se reproduz as relações alienadas inerentes ao capitalismo, e, conforme Heloani e Capitão (2003), a desumanidade das relações humanas é instaurada pelo capital. Essas relações de companheirismo e amizade acabam não acontecendo no período de trabalho, fatia do tempo em que o trabalhador passa a maior parte do seu dia, tornando-se relações passageiras, competitivas e fugazes. Este cenário de quebra de vínculo nas relações humanas no trabalho acaba propiciando o surgimento do assédio moral, expondo trabalhadores a diversas situações degradantes.

Franco *et al.* (2010) discutem como a saúde mental é impactada negativamente pelas contradições entre precarização do trabalho e a modernização. A busca por resultados, tendo como pano de fundo a competitividade, e da excelência nas organizações acaba gerando discriminação ou exclusão dos que demonstram seus limites enquanto seres humanos. Esta lógica é perversa causando danos à saúde mental dos trabalhadores e instalando uma cultura de assédio nas instituições.

Os autores ainda trazem no artigo uma relação de perdas e impedimentos relacionados à vulnerabilização e precarização social e do trabalho, os quais podemos destacar: perda de suportes sociais e afetivos; perda de confiança; renúncia à ética; silenciamento; perda da possibilidade de autenticidade; perda de respeito; impedimento a ser reconhecido; e etc. (FRANCO *et al.*, 2010).

No âmbito das organizações, vemos uma existência paralela entre práticas de saúde mental e o aumento de competitividade, bem como uma pressão por produtividade cada vez maior. Neste cenário, o indivíduo deveria estar sempre pronto para as diversas mudanças (VASCONCELOS; FARIA, 2008). A produtividade não leva em consideração o ser humano e desencadeia práticas agressivas entre os colegas de trabalho e indiferença no que diz respeito ao sofrimento do outro, deixando marcas no corpo, que se manifestam nas mais diversas doenças ocupacionais, atentando também contra a saúde mental (HELOANI; CAPITÃO, 2003).

Num contexto em que o trabalhador aprende a reprimir seus sentimentos e agressividade, acaba sendo gerada a repressão do funcionamento psíquico do sujeito, desprovendo sua atividade de significação (VASCONCELOS; FARIA, 2008). Segundo Gomes

(2017), o afastamento entre o comportamento real e o que é exigido (ideal) acabam originando o sofrimento no trabalho. Entre os líderes, o medo de não ser reconhecido e a preocupação excessiva com sua imagem e com seu sucesso acabam se tornando sua fonte de sofrimento. Nesse sentido, numa tentativa de atender às exigências de produtividade das organizações, o trabalhador se torna vulnerável ao adoecimento.

A própria organização do trabalho acaba impedindo o uso da comunicação espontânea, da autonomia do sujeito e de sua criatividade. O trabalhador é exposto a um ambiente de repressão, trazendo consequências como gastrites, úlceras, dores de cabeça, depressão, estresse, fadiga crônica e insônia. Entretanto, Vasconcelos e Faria (2008) não identificaram nenhuma ação dos trabalhadores no sentido de se organizarem pensando na redução de impacto para sua saúde mental. Completam os autores que a lógica do individualismo, provocada pelo silêncio do sofrimento, acaba tornando a doença algo individual, com uma solução individual, seja o desligamento ou o afastamento ou o medicamento objetivando a manutenção da força de trabalho.

Os respondentes afirmaram que o trabalho pode influenciar, aumentar o sofrimento e o adoecimento mental (VASCONCELOS; FARIA, 2008). Os relacionamentos, em especial os que envolvem relação de poder, poderiam causar sofrimento para os sujeitos.

Ademais, constata-se que muitos problemas do passado persistem atualmente (SATO; BERNARDO, 2005). Costa e Medeiros (2013) afirmam que além das lesões mais comuns nos membros superiores e inferiores e dores nas costas, vale destacar a incidência de transtornos mentais e comportamentais, doenças geradas pelo trabalho. Acrescentam sinalizando que o desemprego também é causa de sofrimento psíquico, uma vez que há a iminência de perda dos meios para a subsistência do sujeito e de sua família e, além disso, impactando sua posição social.

Para além do indivíduo, Heloani e Capitão (2003) abordam que a saúde mental não busca apenas a cura e prevenção das doenças, visando atualmente também o esforço no sentido de melhorar as condições de saúde da população. Há um olhar não direcionado só para a doença, mas para a saúde e a forma como vivem os seres humanos, como, por exemplo, a medida em que trabalham e se divertem, sendo considerada um critério para avaliação do funcionamento psíquico saudável.

Neste aspecto, importante refletir também acerca do ambiente econômico e social em que se passam essas relações. Em seu trabalho, Safatle e Dunker (2021) relacionam a ascensão do neoliberalismo com a reformulação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), explorando cada vez mais os fármacos e expandindo seu objetivo central para, além de tratar o sofrimento psíquico, passar a potencializar as performances do sujeito relacionadas ao mundo do trabalho. Os autores discorrem sobre o fato de o sofrimento psíquico ser produzido e também gerido pelo neoliberalismo e, portanto, essa nova forma de vida

(neoliberal) retira uma maior produção e prazer do próprio sofrimento. Assim, “Controlar a gramática do sofrimento é um dos eixos fundamentais do poder” (SAFATLE; DUNKER, 2021, p. 13).

2.4 TRANSTORNOS MENTAIS DECORRENTES DE SOFRIMENTO PSÍQUICO NO TRABALHO

O trabalho humano está intrinsecamente ligado à sua subsistência, bem como com a construção de sua identidade social e pessoal e, por essa razão, se configura como um determinante no processo saúde-doença (SILVA *et al.*, 2023). Tal processo relaciona-se diretamente ao mercado de trabalho e as relações laborais nele instituídas, as quais são estabelecidas de acordo com o modelo econômico e social vigente no período vivido pela humanidade.

Tratando-se de um modelo capitalista flexível pós-moderno, do qual decorre a origem de diversas mazelas que impactaram negativamente a saúde física e mental dos trabalhadores, tais como a falta de flexibilidade na carga horária, o abismo e segmentação existentes entre o trabalho formal e informal, as condições de trabalho insalubres e hostis, as baixas remunerações, os relacionamentos superficiais surgidos do ambiente laboral, entre outros.

A partir do momento que sua fonte de produtividade e renda não mais constitui esse sujeito em si, mas acaba por rotinizar e amortecer o sentido de sua existência, tem-se como consequências diretas a fragmentação dos laços afetivos e consequente falta de prazer, sensação de esvaziamento e inutilidade, tristeza e sofrimento psíquico (VASCONCELOS; FARIA, 2008). Ou seja, o ambiente que era antes sua fonte de renda, e modo de subsistência, acaba por ser tornar um propiciador de adoecimento físico e mental ao indivíduo.

Por essa razão, nos tempos atuais é comum a prevalência de diversos transtornos e doenças diretamente relacionados, ao até mesmo oriundos, do trabalho do indivíduo, tais como a Síndrome de Burnout, os Transtorno Depressivos, os Transtornos Ansiosos, o Transtorno de pânico, as Fobias, o Transtorno de Estresse Pós-traumático, entre outros. Pode-se citar, ao título de exemplo, alguns contextos relacionados ao ambiente laboral e que podem dar origem ao sofrimento psíquico dos indivíduos neles inseridos:

(a) a falta de trabalho ou a ameaça de perda de emprego; (b) o trabalho desprovido de significação, sem suporte social, não reconhecido; (c) situações de fracassos, acidente de trabalho ou mudança na posição hierárquica; (d) ambientes que impossibilitam a comunicação espontânea, manifestação de insatisfações e sugestões dos trabalhadores em relação à organização; (e) fatores relacionados ao tempo, o ritmo e o turno de trabalho; (f) jornadas longas de trabalho, ritmos intensos ou monótonos, submissão do trabalhador ao ritmo das máquinas; (g) pressão por produtividade; (h) níveis altos de concentração somada com o nível de pressão exercido pela organização do trabalho e (i) a vivência de acidentes de trabalho traumático (VASCONCELOS; FARIA, 2008, p. 455).

É nesse mesmo sentido, que Dejours (1992) afirma que o sofrimento psíquico está presente em trabalhadores desmotivados, que não realizam atividades que gostam e, dessa forma, seu trabalho falha ao permitir a descarga pulsional de experiências prazerosas reprimidas. Tal autor entende que ao realizar uma atividade sem se envolver emocionalmente o sujeito necessita se esforçar muito mais do que em circunstâncias em que há presença do desejo e motivação (DEJOURS, 1992). É o que ele nomeia de “adormecimento intelectual” e de “paralisia da fantasia e da imaginação” (DEJOURS, 1992), eis que a vivência depressiva do sujeito em relação ao seu labor pode impactar na expressão da sua subjetividade, ocasionando o sofrimento em suas mais diversas dimensões.

No que tange especificamente os possíveis transtornos mentais decorrentes de sofrimento psíquico no contexto do trabalho, o Ministério da Saúde brasileiro (BRASIL, 2001) traz em seu Manual de procedimentos para serviço da saúde: doenças relacionadas ao trabalho um possível rol com 12 grupos de transtornos mentais associados ao contexto do trabalho, dentre as quais se destacam os transtornos depressivos, estados de estresse pós-traumáticos, transtornos ansiosos, neurose profissional, alcoolismo crônico, síndrome de fadiga crônica, síndrome de burnout e transtornos do sono.

Ante a uma vasta variedade de processos de adoecimento que podem decorrer ou estão diretamente relacionadas ao âmbito laboral, dois em específico ganham bastante destaque e merecem uma breve explanação, a título de exemplo: o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e a Síndrome de Burnout.

O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), segundo os critérios do DSM- 5 (2014), compreende um transtorno de ansiedade que se desenvolve após a exposição do indivíduo a eventos traumáticos. Segundo Dalgalarondo (2019):

O TEPT se caracteriza por lembranças ou recordações vívidas que invadem a consciência do indivíduo que passou pelo trauma, os chamados flashbacks (ou em forma de pesadelos). Estes, com frequência, se acompanham por emoções fortes e profundas, com ansiedade, medo e/ou horror e sensações físicas marcantes. Ocorrem, assim, de forma recorrente, a intensa sensação física e/ou sentimento de que se está imerso nas mesmas emoções de quando se experimentou o evento traumático. (DALGALARRONDO, 2019, p.659).

Tais eventos traumáticos podem se originar ou estar amplamente imbricados com o ambiente de trabalho do indivíduo. Não é à toa que no Brasil se utiliza as seguintes categorias para classificar as relações de saúde e as condições de trabalho: trabalho insalubre, trabalho perigoso e o trabalho penoso. (GRADELLA JÚNIOR, 2010). Sato e Bernardo (2005) trazem em seu artigo cinco grupos de problemas que podem constituir a área de Saúde Mental e Trabalho: a relação entre saúde mental e organização do processo de trabalho; efeitos neuropsicológicos decorrentes da exposição a solventes e metais pesados; repercussões psicossociais provenientes dos acidentes e doenças de trabalho; sofrimento psíquico ligado às situações de risco no trabalho e; situações de desemprego prolongado.

Já a Síndrome de Burnout é caracterizada pelo início de um processo com exaustivos e prolongados níveis de estresse laboral. Este estresse laboral é compreendido como um desequilíbrio entre as tarefas laborais e a competência de enfrentamento dessas tarefas pelos trabalhadores (ARAGÃO; BARBOSA; SOBRINHO, 2019). Esta síndrome é decorrente de exposições contínuas de um ambiente estressor (ROSENO; CAVALCANTI; FREIRE, 2020), mas que se difere do estresse comum, pois nesse caso, o estresse advindo do ambiente de trabalho é o elemento principal para sua ocorrência, ou seja, os desequilíbrios causados no ser humano decorrem propriamente do seu local de trabalho (JARRUCHE; MUCCI, 2021).

Essa síndrome pode desencadear alguns sintomas como exaustão emocional e distanciamento afetivo (CÂNDIDO; SOUZA, 2017), falta de esperança, isolamento, depressão, raiva, impaciência, irritabilidade, tensão, falta de empatia, distúrbios do sono, e suscetibilidade para outras doenças (TRIGO *et al.*, 2007). Permeia também um sentimento de que “muito pouco tem sido alcançado e o que é realizado não tem valor.” (TRIGO *et al.*, 2007, p.225), não se realizando e nem se satisfazendo profissionalmente. Por consequência o sujeito que desenvolve a síndrome de Burnout apresenta desinteresse e perda de comprometimento com o trabalho (CÂNDIDO; SOUZA, 2017).

É nesse sentido que Dejours (1994) distingue duas formas de sofrimento: o sofrimento criador e o sofrimento patogênico. O sofrimento criador possibilita ao indivíduo o processo de significação em sua relação com o trabalho, através de ações criativas que contribuem para superação do sofrimento, bem como a estruturação de sua identidade, aumentando a resistência do sujeito às diversas formas de adoecimento físico e psíquico.

O sofrimento patogênico (DEJOURS, 1994), por outro lado, aparece justamente quando o processo de ressignificação do trabalho por meio do sofrimento criador falha. Ou seja, quando todas as possibilidades de transformação, aperfeiçoamento e gestão da forma de organizar o trabalho já foram tentadas, porém fracassaram, restando apenas a sensação de incapacidade, o sofrimento patogênico propicia o acometimento de transtornos mentais associados ao contexto ocupacional, tais como a síndrome de Burnout.

3 METODOLOGIA

Conforme Minayo (2009) a pesquisa é uma atividade essencial da ciência para realização de indagações e construções da realidade por parte do pesquisador. Para isso, emprega-se primeiramente a teoria “[...] construída para explicar ou para compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos.” (MINAYO, 2009, p.17), e posteriormente o método na qual consiste “[...] na organização dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou um estudo.” (SOUZA, 2017, p. 18).

A metodologia de pesquisa empregada para o desenvolvimento desse estudo é a

pesquisa exploratória, com uma abordagem qualitativa. Quanto ao procedimento, consistiu-se em uma pesquisa bibliográfica para construir uma leitura e compreensão da realidade, com uma revisão de literatura narrativa.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi preciso seguir algumas etapas:

3.1.1 Quanto à abordagem

O uso da pesquisa qualitativa permite conseguir formas mais aprofundadas do problema delineado (MINAYO, 2009). Para Minayo (2009, p. 22) a “[...] abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas.” O que se está de acordo com os fins deste estudo, em específico analisar a ligação entre relação de trabalho na pós-modernidade e o desencadeamento do sofrimento psíquico.

3.1.3 Quanto ao procedimento técnico

Foram usados na fundamentação teórica autores do campo da Psicologia. Para isso, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, para solucionar os problemas por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas (BOCCATO, 2006).

Fonseca (2002, p. 32) menciona que a pesquisa bibliográfica se utiliza de referenciais “[...] escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.”. Assim, as fontes desta pesquisa foram obtidas de livros, artigos, publicações escritas ou eletrônicas sobre o tema delimitado. Essas fontes foram selecionadas e registradas na forma de fichamento de citação, depois organizadas as ideias principais do tema, para elaboração desta pesquisa.

A revisão de literatura utilizada foi a narrativa, podendo ser descrita como uma etapa essencial que reúne as fontes de pesquisa que servirão de embasamento teórico para este projeto. Neste sentido, visando compreender alguns conceitos como relação de trabalho, sofrimento psíquico, ansiedade, depressão, fobias, transtorno do pânico, síndrome de Burnout, pós-modernidade, esgotamento profissional, doença de trabalho, sistema capitalista, sociedade líquida. E para alcançar os objetivos sugeridos nesta pesquisa, utilizamos como base teórica os estudos desenvolvidos nas áreas sociais nas bases da Psicologia.

Para realizar a revisão de literatura sobre os assuntos que perpassam o tema proposto, foi feito um levantamento nas bases de dados do Google Acadêmico que abordavam artigos na temática deste trabalho, utilizando os textos de dissertações, teses e artigos. As buscas por estes dados foram realizadas por correlação de alguns termos selecionados, sendo eles: relação de trabalho x pós-modernidade; sofrimento psíquico x relação de trabalho; sofrimento psíquico x pós-modernidade; sociedade líquida x trabalho; sistema capitalista x relação de trabalho. Foi

delimitado o período de tempo de busca a partir dos anos de 1990, quando surge a sociedade do conhecimento, e os debates sobre a sociedade pós-moderna e seus impactos no mundo do trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As transformações decorrentes da Revolução Industrial impactaram o sistema de produção, acarretando diversas modificações no contexto social. A ressignificação dos espaços laborais no mundo pós-moderno e a transformação da natureza do trabalho induzida pelo capitalismo trazem consigo uma reconfiguração de relações no ambiente de trabalho. A busca pela excelência e pelo aumento da produtividade enfraquece as relações sociais no âmbito do trabalho. O mercado de trabalho também sofre alterações, agora marcado pela precariedade, vulnerabilidade e fragmentação (MARQUES; FREITAS, 2019).

Importante mencionar que as mudanças não são sentidas apenas do ponto de vista do indivíduo, mas sim pelas organizações também, que, por conta da competitividade, precisam se adaptar rotineiramente (VASCONCELOS; FARIA, 2008) modificando seus modos de organização e de gestão (MARQUES; FREITAS, 2019). Essas transformações são sentidas também no âmbito político com o sistema liberal, onde há uma tendência de uma interferência mínima do Estado, com interesse voltado ao capital, conforme na fala de Trevizan *et al.* (2023) e Oliveira (2012). Neste momento, o trabalho passa a não trazer mais a segurança e dignidade de outrora (BAUMAN, 2000).

Neste contexto, o trabalhador precisa cada vez mais estar preparado às mudanças, pois a competitividade e as novas tecnologias exigem uma constante adaptação, tornando a classe trabalhadora mais fragmentada e complexificada (ANTUNES, 1998) além do aspecto da exclusão, pois há uma minoria de trabalhadores muito qualificados e uma grande massa precarizada, sem qualificação e não absorvida pelo mercado de trabalho (ANTUNES, 1998). O nível de exigência passa a ser cada vez maior, sendo esperado que o trabalhador seja completo, ágil, produtivo, criativo, sempre atualizado e tendo outras inúmeras habilidades (VASCONCELOS; FARIA, 2008).

A pressão no trabalho proveniente dessas transformações gera um sentimento de impotência, de desvalorização e ameaça ao trabalhador, em especial aos que tem no trabalho sua única fonte de sobrevivência (HELOANI; CAPITÃO, 2003). Vale destacar também, que o trabalho não está ligado apenas à subsistência do sujeito, mas à construção de sua identidade pessoal e social. Assim, torna-se determinante no processo saúde-doença (SILVA *et al.*, 2023).

Um outro aspecto a ser observado é que, com a difusão do sistema de produção capitalista, esta nova forma de criação está relacionada com um processo de dissociação, e / ou divisão do trabalho intelectual e o material (GRADELHA JÚNIOR, 2010). Note então que o

trabalho no capitalismo é uma fonte de alienação, provocando, conseqüentemente, relações de trabalho desumanizadas, passageiras, competitivas e carentes de significado, companheirismo e amizade, ambiente propício ao surgimento do assédio moral, por exemplo (HELOANI; CAPITÃO, 2003). Esta lógica de relações gera danos à saúde mental dos trabalhadores (FRANCO *et al.*, 2010).

O homem líquido que surge a partir desta nova realidade traz consigo um novo referencial para as instituições tradicionais e visa, ao máximo, sua satisfação pessoal, se supervalorizando em detrimento da coletividade. As relações interpessoais no trabalho também se tornam liquefeitas (TREVIZAN *et al.*, 2023) por meio do processo de individualização do trabalhador (BAUMAN, 1999) e, se tornam objeto de consumo, uma vez que, quando não satisfaz mais a necessidade do sujeito, pode ser descartada, tendo prazo de validade. Essa satisfação imediata acontece em todos os aspectos da vida do sujeito, perpassando as relações humanas de trabalho (TREVIZAN, 2023). Se a satisfação do sujeito não é atendida, recorre-se a vícios como forma de preencher o vazio existencial, num movimento contínuo sem conseguir atingir a satisfação (BAUMAN, 1999).

Em decorrência destes fatos, urge a necessidade de se estudar este fenômeno. No Brasil, a temática do sofrimento psíquico no trabalho é tratada, em especial, a partir da década de 1980, com os diagnósticos tratando a origem dos transtornos com foco no trabalhador, deixando de lado aspectos relacionados às condições do trabalho e as relações humanas neste ambiente (SATO; BERNARDO, 2005). Com o passar do tempo, constata-se uma evolução na frequência de doenças no ambiente de trabalho associada à organização do trabalho e as mudanças na forma da produção (VASCONCELOS; FARIA, 2008).

O trabalho, que no passado, estava relacionado à sobrevivência da espécie humana, passa a ser fonte geradora de lucro (MARQUES; FREITAS, 2019), passando a ser regido por um valor de troca (BEHRING; BOSCHETTI, 2011). A pressão constante por uma produtividade cada vez maior fomenta práticas agressivas nas relações humanas no contexto do trabalho podendo levar a doenças ocupacionais e, também, doenças mentais (HELOANI; CAPITÃO, 2003).

Neste contexto aversivo e inibidor de uma comunicação espontânea, da autonomia e de uso de sua criatividade, o trabalhador acaba reprimindo seus sentimentos e agressividades, provocando repressão de seu funcionamento psíquico (VASCONCELOS; FARIA, 2008), havendo um afastamento do comportamento real e o que é exigido pela organização e gerando sofrimento no trabalho (GOMES, 2017), levando ao “adormecimento intelectual” e à “paralisia da fantasia e da imaginação” (DEJOURS, 1992).

O sofrimento psíquico estaria presente no trabalhador desmotivado, que não se apraz com suas atividades laborais, exigindo destes um esforço muito maior do que se estivessem realizando algo coerente com a presença de motivação e desejo (DEJOURS, 1992). Assim,

Dejours (1994) caracteriza duas formas de sofrimento: o ligado à criação, possibilitando a superação do sofrimento através de ações criativas e o patológico, quando o primeiro (criador) falha, causando uma série de transtornos e doenças relacionados ao ambiente laboral.

Pensando em termos de coletividade, se faz necessário um olhar para as condições de saúde da população em geral, não apenas direcionado para a doença, mas em como vivem, como trabalham e passam seu tempo livre, características que poderiam indicar um funcionamento psíquico saudável (HELOANI; CAPITÃO, 2003). Além disso, não podemos nos furtar de olhar para o meio em que se estabelecem as relações de doença no ambiente de trabalho. E como a indústria neoliberal explora economicamente o sofrimento (SAFATLE; DUNKER, 2021).

Desta forma, há a necessidade de se realizar questionamentos como até que ponto a sociedade pós-moderna consegue estar coerente com o que a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2023) preconiza como trabalho decente, que deveria ser de qualidade e que propiciasse ao trabalhador condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal analisar como as relações de trabalho foram impactadas com o surgimento da pós-modernidade, e de que forma tal contexto contribuiu para desencadeamento do sofrimento psíquico dos trabalhadores.

Conforme se constatou nesta pesquisa, o trabalho na sociedade pós-moderna, muito além de uma mera fonte de renda, contribui na estruturação da identidade do sujeito. É por meio dele que os indivíduos possuem a possibilidade de realização (pessoal e profissional), de expressão de suas competências e de integração social com seus pares. Porém, os desafios impostos pelo processo de reestruturação produtiva, sobretudo devido às inovações tecnológicas, conduziram a mudanças não apenas na dinâmica em si do trabalho desenvolvido, com a intensificação do seu ritmo e o surgimento de outras modalidades laborais (como o trabalho informal), mas principalmente no processo saúde-doença dos trabalhadores envolvidos.

Nesse sentido, conforme aqui abordado, a perda de reconhecimento de sua identidade pessoal e social, amplamente associada ao sentimento de impotência e desvalorização vivenciado pelo trabalhador, são algumas dentre as diversas facetas presentes no contexto laboral pós-moderno. Portanto, a relação entre sujeito-trabalho passou muitas vezes a assumir uma trajetória patológica, com o desenvolvimento de diversos transtornos mentais e sofrimento psíquico decorrente e/ou associado diretamente do contexto laboral dos indivíduos, o que vem chamando atenção de especialistas no mundo inteiro.

Em relação especificamente aos resultados esperados propostos nos objetivos acredita-

se que foram alcançados, a exemplo da busca por ampliar o campo de pesquisa e expandir a produção acadêmica sobre a temática abordada. Eis que os impactos da globalização, a competitividade acirrada, a precarização das formas de emprego, as exigências cada vez maiores de qualificação profissional são alguns dos exemplos dentre as diversas causas que têm impactado na saúde mental dos trabalhadores, o que se tornou inclusive uma problemática de Saúde Pública.

Este estudo não se encerra com estas considerações finais, mas abre espaço para outros questionamentos em relação à Saúde Mental no Trabalho e para novas pesquisas.

Sugere-se o desenvolvimento de pesquisas de campo a fim de aprofundar as discussões e resultados levantados a partir deste estudo. Assim, expandir a produção acadêmica sobre o tema possibilita a construção de novos saberes e novas discussões, a fim de se pensar em estratégias e possibilidades para prevenir o esgotamento profissional e a promoção de Saúde Mental do trabalhador.

Por fim, ressalta-se a pertinência em se discutir e analisar os contornos e significados que a relação trabalho-sujeito-doença vem tomando na sociedade pós-moderna, como forma de ressignificar a identificação desse sujeito com o seu labor. Dessa forma, se propõe que o trabalho represente não uma negatividade em vida, através do adoecimento (físico ou mental), mas que, ao contrário, possibilite uma forma de expressão de suas subjetividades, essencial no processo de identificação, individualização e estruturação desse sujeito pós-moderno.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ARAGÃO, Núbia Samara Caribé de; BARBOSA, Gabriela Bené; SOBRINHO, Carlito Lopes Nascimento. Síndrome de burnout e fatores associados em enfermeiros intensivistas: uma revisão sistemática. **Rev baiana enferm**, [S.L], 33: e28605, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28605/20186>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BAUMAN, Z. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

BAUMAN, Z. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEST, Steven; KELLNER, Douglas. **The postmodern turn**: critical perspectives. New York: Guilford Press, 1997.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

BEHRING, E. R; BOSCHETTI, I. **Política Social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2001). **Manual de procedimentos para serviço da saúde: doenças relacionadas ao trabalho**. Série A - Normas e Manuais Técnicos, n. 114. Brasília: Ministério da Saúde.

CÂNDIDO, Jéssica; SOUZA, Lindinalva Rocha de. **Síndrome de burnout: as novas formas de trabalho que adoecem**. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1054.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CARLOTTO, Mary Sandra; GOBBI, Maria Dolores. Síndrome De Burnout: um problema do indivíduo ou do seu contexto de trabalho? **ALETHEIA**, [S.L], n.10, 1999, p.103-114. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mary-Carlotto/publication/285329138_Burnout_Syndrome_an_individual_problem_or_a_job_related_problem/links/63beabfb56d41566df59a4c0/Burnout-Syndrome-an-individual-problem-or-a-job-related-problem.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

CENTRO UNIVERSITÁRIO MULTIVIX. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos e científicos da MULTIVIX**. 3 ed. Vitória: MULTIVIX, 2022. 72p.

COSTA, Júlia Gomes Fernandes; MEDEIROS, Soraya Maria. Sofrimento psíquico e trabalho: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, [S.L], v. 15, n. 2, 2013.

DAROS, Otávio. Reflexão sobre modernidade e pós-modernidade em Douglas Kellner. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.15, n.43, p. 6-23, jan.-abril, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/50574/40018>. Acesso em: 10 maio 2023.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E., & JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho** (5ª ed.). São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, Fortaleza, v.

4, n. 1, p. 94-111, mar. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2023.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, [S.L], v. 35, p. 229-248, 2010.

GIROUX, H. O Pós-modernismo e o discurso da crítica educacional. In: SILVA, T. T. (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1993.

GOMES, Adriana Maria Gurgel. Liderança e personalidade: reflexões sobre o sofrimento psíquico no trabalho. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.8 n2, p. 83-91, jul. /Dez. 2017.

GRADELLA JÚNIOR, Osvaldo. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S.L], p. 133-148, 2010.

HALLACK, F. S. & SILVA, C. O. A reclamação nas organizações do trabalho: estratégia defensiva e evocação do sofrimento. **Psicologia & Sociedade**, [S.L], 17(3), 67-72, 2005.

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Saúde mental e psicologia do trabalho. **São Paulo em perspectiva**, [S.L], v. 17, p. 102-108, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200011>. Acesso em: 19 out. 2023.

ISSBERNER, Liz-Rejane; MOTA, Carla. Inclusão e ecologia no infocapitalismo: estudo de caso de um projeto para catadores de lixo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XVIII, 2017, Marília, SP. **Anais[...]**. Marília, SP: ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/125018>. Acesso em: 9 jun. 2023.

JARRUCHE, L. T.; MUCCI, S. Síndrome de burnout em profissionais da saúde: revisão integrativa. **Revista Bioética**, [S.L], v. 29, p. 162-173, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/RmLXkWCVw3RGmKsQYVDGGpG/?lang=pt>. Acesso em: 23 de maio 2023.

KRAWULSKI, Edite. **Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano do trabalho**. 2004. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LANCMAN, S. & SZNELWAR, L. I. **Christophe Dejours**: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho Editora Fiocruz. Brasília. 2004.

MARQUES, Rodrigo Moreno; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; RASLAN, Filipe Oliveira. Informação, conhecimento e capitalismo: uma abordagem dialética. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 573-592, set. 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95295>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARQUES, Vinicius Pinheiro; FREITAS, Isa Omena Machado de. **A síndrome de burnout como decorrência das relações de trabalho na pós-modernidade**. 2019. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=a4567880c61cb006#:~:text=Observa%20que%20a%20s%C3%ADndrome,de%20trabalho%20pactuadas%20e%20execu%20tadas>. Acesso em: 05 abril 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 9-29.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti de. ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Sem Aspas**, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho decente**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-decente/lang-pt/index.htm>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ROSENO, Danillo Alencar; CAVALCANTI, Jose Rodolfo Lopes P.; FREIRE, Marco Aurelio M. Caracterização da síndrome de burnout em enfermeiro em municípios do interior do Estado da Paraíba – Brasil. **Revista Ciências em Saúde, [S.L]**, v10, n1, 2020. Disponível em: https://portalrcs.hcitajuba.org.br/index.php/rcsfmit_zero/article/view/877/525. Acesso em: 05 jun. 2023.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

SATO, Leny; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciência & Saúde Coletiva, [S.L]**, v. 10, p. 869-878, 2005.

SILVA, Nilson Rogério da *et al.* Síndrome de burnout em profissionais da área de saúde mental. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.27, n.5, p.2495-2508, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/9848/4702>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SOARES, Frederico Fonseca. NEOINDIVÍDUO: Questões sobre a liberdade na modernidade líquida. **Cadernos Zygmunt Bauman, [S.L]**, v. 1, n. 2, 2011.

SOUZA, Renata Silva. **A Terceirização do trabalho no setor da construção civil na grande Vitória/ES**. 2017. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/8748>. Acesso em: 15 maio 2023.

TREVIZAN, Marcio Bogaz et al. **‘Ser Leve E Ser Líquido’**: A “Modernidade Líquida” No Pensamento De Zygmunt Bauman. *Synesis*, Rio de Janeiro, v. 15, n.3, 2023. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2548/3535>. Acesso em: 08 jun. 2023.

TRIGO, T.R. et al. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Revista Psiquiatria Clínica**, [S.L], n.34, v (5) 223-233, 2007.

VASCONCELOS, Amanda de; FARIA, José Henrique de. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. **Psicologia & Sociedade**, [S.L], v. 20, p. 453-464, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300016>. Acesso em: 19 out. 2023.